

Violência e Representações Sociais: Discursos Jornalísticos sobre Tiroteio em Escola

Violencia y Representación Social: Discursos Periodísticos sobre Tiroteos Escolares

Violence and Social Representation: Journalistic Speeches about Schoolshooting

Mariana Müller de Freitas

Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria - RS/Brasil

ORCID: 0000-0002-5228-2455

E-mail: mariimuller84@gmail.com

Camila dos Santos Gonçalves

Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria - RS/Brasil

ORCID: 0000-0002-0655-8895

E-mail: camilag@ufn.edu.br

Resumo

Os meios de comunicação, em especial telejornais, são considerados importantes veículos para elaboração de conteúdo daquilo que é informado. A partir da escolha de um incidente em particular, se buscou analisar como os telejornais noticiam e representam um episódio de violência. Assim como, identificar as estratégias utilizadas na produção de significados e as representações sociais emergentes nesses discursos. Foi realizada em um primeiro momento uma pesquisa qualitativa e documental, tendo como objetos de análise 6 vídeos de telejornais exibidos na época disponíveis no canal YouTube sobre o caso de tiroteio na Escola Estadual Professor Raul Brasil, Suzano, São Paulo. Tomou-se a mídia em uma condição de macro testemunha privilegiada, assumindo um papel importante como ator social, quando se trata da ação de mostrar os fatos para além dos limiares que de fato ocorreram. Os resultados foram discutidos em dois tópicos: as representações sociais emergentes e a polarização dos significados; e o sensacionalismo, o desarmamento e a saúde mental. Conclui-se que as forma como a imprensa comunica os fatos, cria e dissemina sentidos sobre a violência interfere nas representações, as quais orientam as práticas sociais. E ainda, é preciso debater de forma responsável e séria sobre os modos como estamos lidando com a insegurança e o sofrimento psíquico, e buscar soluções coletivas e de políticas públicas para o enfrentamento da violência no Brasil.

Palavras-chaves: Meios de comunicação de massa; Discurso; Violência; Saúde mental.

Resumen

Apartir de la elección de un incidente particular, se buscó analizar como los noticieros informan y representan un episodio de violencia. Así como, identificar las estrategias utilizadas en la producción de significados y las representaciones sociales que surgen en estos discursos. Al principio, se llevó a cabo una investigación cualitativa y documental, teniendo como objeto de análisis 6 videos de noticieros mostrados en ese momento, disponible en el canal de YouTube sobre el caso de tiroteio en en Escuela Estatal Profesor Raul Brasil, en Suzano, São Paulo. Aquí se coloca los medios de comunicación en una condición de macro-testigo privilegiada, asumiendo un papel importante como actor social, cuando se trata de mostrar los hechos más allá de los umbrales que realmente ocurrieron. Los resultados se se presentan en: las representaciones sociales emergentes y la polarización de los significados; el sensacionalismo, el desarme y la salud mental. Se concluye que la forma

en que la prensa comunica los hechos, crea y difunde significados sobre la violencia interfiere en las representaciones, que guían las prácticas sociales. Y, sin embargo, es necesario debatir de manera responsable y seria sobre las formas en que enfrentamos la inseguridad y el sufrimiento psicológico, y buscar soluciones colectivas y políticas públicas para enfrentar la violencia en Brasil.

Palabras clave: Medios de comunicación en masa; Discurso; Violencia; Salud mental.

Abstract

The media, especially television news, are considered important for the elaboration of content of what is reported. Based on the choice of a particular incident, we sought to analyze how the news programs report and represent an episode of violence. As well as, identify the strategies used in the production of meanings and the

social representations emerging in these discourses. At first, a qualitative and documentary research was carried out, having as analysis objects 6 videos of newscasts shown at the time available on the YouTube channel about the shooting case at Escola Estadual Professor Raul Brasil, Suzano, São Paulo. The media was taken as a privileged macro-witness, assuming one of the important roles as a social actor, when it comes to showing the facts to beyond the thresholds that actually occurred. The results were discussed in two topics: the emerging social representations and the polarization of meanings; and sensationalism, disarmament and mental

health. It is concluded that the way the press communicates the facts, creates and disseminates meanings about violence interferes in the representations, which guide social practices. And yet, it is necessary to debate responsibly and seriously about the ways in which we are dealing with insecurity and psychological suffering, and to seek collective solutions and public policies to confront violence in Brazil.

Keywords: Mass media; Speech; Violence; Mental health.

Introdução

Enquanto sociedade, estamos inseridos em uma rede de significações da realidade. No horizonte da produção das representações sociais, a violência é um fenômeno que se apresenta como desafiador. Segundo Abramovay e Castro (2006), a violência possui múltiplas facetas. Além das formas manifestas também é preciso atentar para a violência simbólica, originada pela ideia da invasão por meio de uma atitude, que não fere somente o físico, mas também a moral e as representações simbólicas. Neste sentido, uma forma de violação muitas vezes exercida pelo discurso no campo jornalístico.

Os meios de comunicação de massa, com destaque aos telejornais da televisão aberta brasileira, além da imprensa oficial, alcançaram um novo papel e significância, principalmente em tempos de profusão das *fake news*, atuando como fonte paralela de informação. Desse modo, “é impossível hoje pensar o mundo contemporâneo sem levar em conta o papel da mídia” (Guareschi & Biz, 2005, p. 43). De tal modo como a produção de sensacionalismo sobre fatos violentos, o que vem a difundir a espetacularização deste fenômeno. Ademais, existe um movimento de banalização da violência, sintoma social que se manifesta de diferentes formas, como por exemplo, a frequência e intensidade em que as notícias sobre violência são exibidas, gerando um efeito de indiferença frente ao bombardear de informações, e que também violentam (Abramovay & Castro, 2006).

Nesse sentido, Debord (2003) escreve que na sociedade contemporânea existe um grande acúmulo e produção de espetáculos, desse modo, “tudo que é diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (p. 13). Os efeitos da espetacularização da violência quando se refere ao exercício do campo jornalístico precisam ser considerados como violência simbólica. Isso porque, o espetáculo não se mostra como sendo apenas uma seleção de imagens, mas forma-se também a partir das relações constituídas entre sujeitos no social, que, conseqüentemente, vêm a ser midiaticizadas no contemporâneo (Tavares, 2002). Para ilustrar este aspecto, tomamos como disparador de análise a forma como a mídia, com enfoque nos telejornais de grande audiência da TV aberta do país, retratou o caso do tiroteio ocorrido em 13 de março de 2019 na Escola Estadual Professor Raul Brasil, localizada na cidade de Suzano, região metropolitana da cidade de São Paulo. Os autores dos disparos foram dois jovens de 25 e 17 anos, ambos ex-alunos da escola. Eles mataram oito alunos/as e funcionários/as, e depois disso, também acabaram mortos.

Para compreensão dessa temática recorreremos a Teoria das Representações Sociais e a perspectiva epistemológica e ontológica da Psicologia Social Crítica. Santos (1999) entende por teoria crítica toda aquela que não toma a realidade como sendo apenas aquilo que existe de forma evidente. Da mesma forma que se alia a buscar vias e alternativas para superar aquilo que está posto e é criticado na realidade vigente, o que possibilita que os sujeitos criem e discutam problemáticas já estabelecidas no e pelo social. Sendo assim, não

foi considerado somente o que foi dito em particular pelos meios de comunicação de massas, mas também a maneira como as informações foram organizadas e passaram a construir os discursos sobre violência, seus significados e justificativas.

No campo de saber psicológico, aprofundar a leitura sobre este terreno é propício para a compreensão da construção de sentidos que embasam as relações sociais. Segundo Rondelli (1998), a mídia encontra-se em uma condição de macro testemunha privilegiada e assume um dos papéis importantes como ator social e político quando se trata da ação de noticiar algo para além dos limiares dos fatos que ocorreram. Ademais, torna-se relevante trazer para a cena discussões sobre o papel que a mídia vem encarnando nesse cenário, em especial de telejornais. Sua importância revela-se não só por participar ativamente - ao criar sentidos aos atos de violência - como também se encarrega de disseminar, assim como selecionar, editar e classificar os fatos. Por ser um veículo de informação também passa a representar, orientar e criar práticas culturais e políticas, e assim, convoca o público a dar novos sentidos e agir sobre a realidade. Isso vai ao encontro do que escreve Debord (2003) quando versa que, as matérias jornalísticas assumem uma participação ativa no que se constrói/perpetra enquanto a sociedade.

Em decorrência disso, percebe-se a necessidade de compreender os meios de produção e pulverização de representações sociais sobre a realidade por meio dos veículos de informação. E, assim fazer uma reflexão sobre os modos como vem sendo alicerçada a violência e as relações estabelecidas no laço do sujeito com o social. A partir da escolha de um incidente em particular, se buscou analisar como os telejornais noticiam e representam um episódio de violência. Assim como, identificar as estratégias utilizadas na produção de significados e as representações sociais emergentes nesses discursos.

Método

A pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva qualitativa, que coloca foco nos olhares, nas práticas de campo, que se apresentam como diferentes, levando em conta as diversas perspectivas e contextos sociais que estão interligados (Flick, 2009). Foi realizada uma análise dos vídeos das matérias veiculadas pelas principais redes de TV aberta do país sobre o caso do tiroteio na Escola Estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano em São Paulo, ocorrido em 13 de março de 2019. Para Rosa (2017), tratar os vídeos televisivos como materiais de pesquisa são relevantes, pois eles produzem sentidos não apenas a partir do texto, mas definidos pelas técnicas utilizadas, como a seleção, a edição.

Segundo Alexandre (2001), os meios de comunicação de massa atingem ao mesmo tempo uma grande audiência, em um pouco espaço de tempo, o que acaba por envolver milhares de pessoas nesse processo de comunicação. Tendo em vista a relevância da televisão frente à população brasileira, foram selecionados 6 vídeos no canal *YouTube*, onde se encontram disponíveis os programas de telejornais exibidos na época pelas emissoras Rede Globo, Record e Band. A seleção de vídeos na plataforma se deu através das palavras chaves: Suzano, escola e tiroteio. O critério de escolha dos vídeos seguiu um cronograma temporal, isto é, desde o dia do tiroteio (matérias ao vivo), até matérias veiculadas nos seis dias posteriores. Através desse critério buscou-se não perder o imediatismo da notícia, além disso, após este período reduziram-se significativamente o número de matérias sobre o acontecimento.

A partir da escolha dos vídeos passou-se a observar elementos como a organização do conteúdo, a escolha das palavras, imagens e sons das reportagens. As apreciações críticas foram realizadas com base na análise de discurso, que busca identificar as funções da fala e dos textos, e investigar como eles são executados. Além disso, esta abordagem considera a linguagem um relevante canal para refletir ou discorrer sobre o que é o mundo, o que redimensiona o discurso na estruturação da vida em sociedade (Gill, 2017).

Resultados e discussões

Através da análise dos vídeos selecionados desmarcamos dois tópicos sobre os discursos emergentes nas reportagens para apresentar como resultados do presente estudo.

O primeiro trata das representações sociais emergentes nas matérias jornalísticas; e o segundo tópico versa sobre o sensacionalismo, e as pautas do desarmamento e da saúde Mental.

Tabela 1

Relação dos vídeos analisados:

SIGLA	TÍTULO NA REDE	EMISORA/CANAL YOUTUBE	DATA	DURAÇÃO
V1 ¹	Exclusivo: Veja o Momento do Ataque na Escola de Suzano	Band Jornalismo	13 de março de 2019	5''56'
V2 ²	Familiares De Assassinos Ficam Surpresos Com Crime Em Escola De Suzano	Giro Veja	13 de março de 2019	5''30'
V3 ³	Sobreviventes Relembrem Massacre Em Suzano (SP)	Hoje Em Dia – Tv Record	14 de março de 2019	8''42'
V4 ⁴	Suzano: Parentes Se Despedem De Estudantes Após Massacre	Brasil Urgente-Band	14 de março de 2019	2''04'
V5 ⁵	Alunos Voltam Para Escola De Suzano Para Acolhimento	Band Jornalismo	19 de março de 2019	5''49'
V6 ⁶	Pai Do Atirador De Suzano Chora E Não Reconhece Atitude Do Filho	Hoje Em Dia - Tv Record	18 de março de 2019	9''54'

Nota: tabela elaborada pelas autoras.

Representações sociais emergentes nas matérias sobre o crime: a polarização de significados

Este tópico irá tratar sobre o fenômeno das representações sociais e os sentidos emergentes na polarização entre binômios que surgiram a partir das análises. Foram criados quatro núcleos de sentido: familiar e não familiar; bem/interno e mal/externo; normal/patológico; individual/coletivo.

O familiar frente ao não familiar

As representações sociais usufruem de designações como a abstração do sentido do mundo e, por conseguinte, coloca nele ordem e percepções. A partir disso elabora-se a realidade singular de cada sujeito de uma forma significativa. Jovchelovitch (2004) discorre que a representação não é o ato único de um indivíduo: ela é fruto de uma sociedade que dá

sentido a ela, isto é, “a materialidade do objeto-mundo é integral ao processo representacional e interage com o sujeito dando forma tanto quanto ele dá ao resultado representacional” (p. 23).

Desse modo, conforme escreve Moscovici (2010), as representações sociais acabam por aproximar da realidade do sujeito ao tornar familiar algo que antes era não familiar. O autor afirma que são dois os processos que geram as representações sociais: a ancoragem e a objetivação. O primeiro significa categorizar e dar sentido para aquilo que não é nomeável, pois “as coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (p. 61). Os trechos a seguir ilustram este procedimento:

¹ Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=AotZgoB541o&has_verified=1

² Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=4HfYyRVShKQ&t=152s>

³ Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=2nZPYwt7sMU&t=393s>

⁴ Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=xBJXgzU7S4Y>

⁵ Recuperado de <https://youtu.be/5RkHENWiaQ0>

⁶ Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=bUHZFmXXTzU>

todo mundo que passa ali faz a seguinte pergunta: por que dois jovens provocaram uma matança sem precedentes? (V4, repórter, 1'20").

não tem como a gente explicar, não tem nem como dizer a tamanha dor que a gente sente em um momento como este, entendeu? (V4, moradora de Suzano, 08").

e segundo alguns vizinhos e colegas, principalmente Guilherme, que estudou no colégio até pouco tempo atrás, que ele tinha alguns comportamentos estranhos, recentemente ameaçou alguns dos colegas no shopping. Diz que gostava (aqui há uma pausa e pequeno equívoco do repórter, que se corrige) que tratam ele como roqueiro ou como gótico e que ele chegou a falar de Hitler e coisas desse tipo. Esse tipo de comportamento os familiares, pelo menos, nunca notaram. (V2, repórter, 1'57").

No caso em tela, os comportamentos que não encontram retenção em seu repertório de sentidos são tidos como estranhos aos sujeitos ou a sua cultura, sendo assim, intimidantes. Na tentativa de nomear a estranheza diante da violência, o repórter recorre à imagem de Hitler ou de figuras que podem se aproximar de significados sombrios e emblemáticos. Desse modo, a ancoragem tem a função de classificar como também de tornar familiar ao sujeito algo que lhe é desconhecido, e causa horror. É no espaço do não lugar que é ocorre o processo de ancoragem (Moscovici, 2010). Consequentemente, o processo de formação das representações sociais cursa através da objetivação, que concretiza uma abstração através do pensamento e da fala. Esse processo visa transpor uma ideia em algo existente no mundo material (Moscovici, 2010). Como ilustrado nos trechos destacados dos vídeos:

aquele lá não era meu filho ele não era assim, era muito educado,

trabalhava comigo, trabalhador, não tinha maldade com ninguém. Aquele era um moleque quieto. (...) a mentalidade dele era dos moleques de 16, 18 anos, praticamente era uma criança. (V6, pai de autor, 57").

o rapaz de camisa xadrez, que invadiu a Escola Raul Brasil portando armas e agride as pessoas que já haviam sido atingidas pelos disparos, não poderia ser a mesma pessoa que usava a calça laranja como uniforme de trabalho. (V6, repórter, 1'01").

todo mundo que passa ali faz a seguinte pergunta: por que dois jovens provocaram uma matança sem precedentes? (V4, repórter, 1'20").

Nestes extratos pôde-se notar que, tanto o pai de um dos atiradores (V6), quanto o repórter (V6 e V4) se defrontaram com um estranhamento quanto à imagem construída de um dos jovens atiradores. Ao encarar esse não familiar, ancoram o discurso em algo seguro, as características físicas e comportamentos anteriores. O resgate moral feito pelo discurso do pai sobre o filho está enlaçado na representação de trabalhador, carregado de associações como alguém calmo, educado e sem maldade.

Do mesmo modo, um dos jovens atiradores é associado a uma imagem infantil (pelo pai, em V6), assim como pelo repórter, que relaciona o contraste da sua figura pueril com o ato realizado, o que traz para a cena uma imagem da inocência. Ao encontro disso, Foucault (1999) em sua obra Vigiar e Punir escreve que a partir do momento em que se está inserido em sociedade é imposto um sistema de disciplina, que desempenha práticas individualizantes sobre os corpos de forma massiva. O autor faz um paralelo entre o ser criança, o adulto sadio mentalmente ou não e o delinquente, sendo que existe uma ordem no ato de individualizar os sujeitos: a criança, mais que o adulto; o adulto sadio mentalmente, mais que o sujeito dito louco; e assim se repete com aquele que comete crimes. Segundo Foucault,

quando a sociedade se depara com um delinquente, questiona-se: o que há nele de infantil? Qual a loucura misteriosa o habita? Nota-se que isso muitas vezes é levantado por repórteres ou entrevistados sobre o crime do tiroteio em Suzano.

Esse discurso aparece atrelado também a ideia de Sandra Jovchelovitch (2004), que escreve sobre a existência de um trabalho comunicativo realizado pela representação caracterizado por meio da criação de símbolos, possuindo sua força na capacidade de dar sentido e significar uma pessoa, uma cultura ou um valor desta. Sendo assim, a representação teria sua atividade voltada para colocar “algo no lugar de alguma coisa”, caracterizando assim um deslocamento simbólico. Conforme Moscovici (2010, p. 55) “a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas”. Segundo Jodelet (2001) essa naturalização das ideias lhes confere a posição de realidades tidas como concretas, sendo utilizadas na ação sobre a cultura, assim como sobre os outros sujeitos. Além disso, conforme a autora, a composição imaginante da representação social toma o lugar de guia de leitura e, por “generalização funcional”, torna-se referência para compreender a realidade. Isto pode ser ilustrado nas narrativas a seguir:

ele tinha alguns comportamentos estranhos, recentemente ameaçou alguns dos colegas no shopping. Diz que gostava (o repórter corrige-se) que tratam ele como roqueiro ou como gótico. (V2, repórter, 1’57”)

todos em estado de choque (...) tentando entender também o que levou esses jovens a cometer essa barbaridade. (V2, repórter, 2’27”).

Revela-se a partir desses trechos a busca pela construção de uma imagem estereotipada e conhecida daquilo que, até então, se desconhece: utiliza-se de estilos de vestimenta até musicais, assim como compara o

comportamento dos jovens atiradores a uma barbaridade. O termo gótico tido como uma gíria, segundo o dicionário Michaelis (2011), tem o significado relacionado a uma aparência dita depressiva, relacionada à introspecção, e é atribuída a uma filosofia oposta a aceitação social, uma postura de “representação da aceitação da morte”.

Portanto, as representações emergentes da polarização familiar/não familiar relacionadas ao ato violento causou um sentimento de estranheza e conseguinte deslocamento de sentidos atribuídos aos jovens atiradores, assim como ao ato realizado por eles.

O bem/interno em oposição ao mal/externo

A Teoria das Representações Sociais, segundo Guareschi (2000), busca amenizar a visão dicotômica construída ao longo da história, no que se refere ao aspecto interno em oposição ao externo. Sendo que, uma representação social é concomitantemente interna, pois habita as pessoas, sem deixar de ser externa: se estende para além das fronteiras intrapsíquicas e se realiza em fenômenos sociais. Ela se estabelece em um lugar tácito entre o indivíduo e a cultura, e “essa garantia básica é construída principalmente na linguagem, imagens e práticas ritualísticas” (p. 251). Nos extratos selecionados a seguir pode-se entrar em contato com as falas de pessoas próximas as vítimas, e que estão em um conflito para nomear e elaborar o acontecimento frente ao contato com o desconhecido que experimentaram:

eu vi na televisão que acontece em outras escolas, mas eu nunca imaginei que iria acontecer nessa. (V1, aluno sobrevivente, 6’12”).

eu deixei o menino tranquilo de manhã e agora me falam que o menino morreu. (V3, parentesco de vítima, 1’12”).

não foi a escola, não é a escola e sim uma pessoa ruim. (V5, avó de sobrevivente, 3’53”).

A partir das falas, pôde-se notar que existe uma dicotomia rígida dos binômios entre bem/interno e mal/externo, o que gera uma polarização da forma simplificada e que não dá conta para compreender a realidade. Isso pode ser ilustrado no discurso que dentro da escola estava tudo tranquilo e que de repente tudo muda: alguém, de fora, carregado com a maldade invade aquele espaço seguro, supostamente, protegido pela familiaridade. Nesse sentido, atribui-se o mal ao exterior, ao outro, ao que vem de fora da escola. Assim como aparece a impossibilidade de coexistir o bem e o mal na mesma pessoa, sendo que o desagradável é sempre depositado em algo externo e distante.

começou a bandidagem e aumentaram o muro. Não foi suficiente, você percebeu? O muro não foi o suficiente, subiram mais a grade, olha lá. (V5, mãe de aluno sobrevivente e vizinha de frente à escola, 4'39").

houve um tempo em que o muro era baixinho, a violência não ameaçava e a escola era só alegria, o muro já não tem para onde subir, a proteção precisa ser dada de outra forma, é o que sugere a irmã de Eliana, a inspetora que morreu no massacre. (V5, repórter, 4' 57").

Nesses trechos emerge mais uma vez o paradoxo entre bem/interno e mal/externo relacionado àquilo que é ruim ou violento. Nestas falas, a tentativa de separação se produziu, literalmente, através do muro, ou seja, buscou-se fortalecer a suposta sensação de segurança através da divisória, e assim deixando de fora a “bandidagem” e tudo que é visto como ruim. A contradição nesse discurso é o não reconhecimento da conexão interno/externo, visto que, os jovens atiradores há pouco tempo eram parte da comunidade escolar, e a partir da sua atitude, passaram de um lugar de internos, enquanto egressos, a serem vistos como externos, os bandidos.

O normal e o patológico

Historicamente, Canguilhem (2009) expõe que o estado de doença estaria diferenciado da saúde, assim como o patológico do normal. Segundo ele, para a medicina, o dito “estado normal do corpo humano” (p. 48) estaria relacionado a um estado que se está sempre em busca de se reestabelecer. O autor ainda elucida que o patológico sugere *pathos*: “sentimento direto e concreto de sofrimento e de impotência, sentimento de vida contrariada” (p. 53), sendo então, o patológico associado ao que é anormal. A exemplo disso, têm-se a fala do pai de um dos jovens atiradores (V2, 1'20”), que o caracteriza como sendo um menino “*super normal*”, e associa a ideia de que ser normal é alguém que não oferece conflitos ou surpresas, que “*não teve problema com drogas ou coisa do tipo*”. A busca por compreender o motivo do ato abre margem para diferentes hipóteses:

por quê? Essa é a pergunta do dia no Brasil, a equipe também busca essa resposta. Fomos até o lugar do crime onde todos tentam entender a causa para tamanha violência. (V3, repórter, 05').

todo mundo que passa ali faz a seguinte pergunta: por que dois jovens provocaram uma matança sem precedentes? (V4, repórter, 1'20").

As falas parecem não conseguir abranger aquilo que é da ordem do imprevisto, da complexidade do ser humano. A violência acaba sendo relacionada com a esfera da anormalidade. Do mesmo modo que essas falas também trazem consigo elementos como a desconexão, o estranhamento e impotência (o *pathos*) frente aos dois jovens dos arredores da escola e a atitude que tomaram. Em outro trecho das matérias um repórter diz para o pai de um dos jovens atiradores, que ele deve ter perguntas que não têm respostas, e o entrevistado concorda. Em seguida, pergunta se ele percebeu se o filho estava demonstrando estar bem nos dias próximos ao tiroteio, e o pai responde: “*ele estava bem, não senti nada dele, ele trabalhou direitinho*” (V6, 5'43”), aqui ressaltam-se aspectos como estabilidade e

cumprimento de obrigações, características que são esperadas e balizam a compreensão de normalidade. O ato isolado de extrema violência é posto como uma anormalidade, pois surpreende e dificulta a compreensão dos fatos, visto que partiu de jovens sem o histórico anterior de condutas agressivas.

A responsabilização ora individual, ora coletiva

Segundo Moscovici (2010) as representações sociais não são criadas isoladamente, elas transcorrem na comunicação que as pessoas e grupos estabelecem. E, assim “elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações” (p. 41). Na construção de sentido sobre a responsabilização do ato violento na escola, emergem dois sentidos, ora individualizada na figura dos jovens atiradores ora compartilhada entre toda a sociedade. A primeira forma aparece através da descrição que fizeram de cada um deles, onde se buscou uma razão material, uma fonte de sentido, uma causa que pudesse justificar uma motivação pessoal para o que aconteceu. Este aspecto já foi bastante ilustrado nos temas anteriores, e não precisamos repetir aqui. Por outro lado, a reflexão sobre uma responsabilização compartilhada surge por diferentes atores envolvidos. Nesse sentido, segue alguns trechos das reportagens selecionadas:

os responsáveis somos nós mesmos, nós pais, que não soubemos instruir nossos filhos, olha o que acontece, um jovem de 20 e poucos anos tira a vida de outras crianças com uma facilidade (V3, pai de aluno morto no tiroteio, 1’23”).

algo que precisava ter visto antes. Ter procurado um tratamento, ter procurado algo que ajudasse ele no momento que estava menos complicado. Porque agora não adianta ficar procurando respostas (V4, moradora de Suzano, 1’40”).

Nas falas acima aparece certa implicação de um coletivo (dos pais, dos adultos próximos) na percepção e ação anterior ao ato extremo. Um sentido de corresponsabilização social frente a um ato que poderia ter sido evitado seja por meio de orientação ou tratamento. Este ponto também é marcante, pois é extraído de duas falas realizadas um dia depois do tiroteio e expressa a intensidade da reflexão produzida no que tange a implicação de todos em situações de violência, neste caso, com realce nas ocorridas com crianças e adolescentes. Para tanto, parece ser preciso fortalecer os laços sociais, através de práticas educativas transformadoras, que para Freire (1996) precisam ser alicerçadas na dignidade, no respeito ao outro, como também na iminência de construção de uma autonomia seja de adolescentes ou crianças. E ainda, que sejam de forma leve, que proporcionem a criatividade, e que levantem questões do dia-a-dia em conjunto. No trecho a seguir, o familiar de um dos jovens atiradores diz:

infelizmente a tragédia aconteceu em Suzano e com a minha família, gente eu sei que não tenho culpa, mas a minha família cometeu isso, a gente pede desculpa para o mundo e desculpa para o Brasil (V6, tio de um dos atiradores, 8’50”).

No recorte da fala, a responsabilização individualizada amalgama-se com a coletiva e familiar. A reflexão expressa a noção de que os laços sociais vêm sendo permeados pela violência. E ainda, mesmo quando se exime da culpa, acaba reforçando sua decisão em implicar-se na responsabilização com seu grupo familiar a ponto de pedir desculpas. Esse discurso abre possibilidade para questionamentos a respeito de como estamos nos relacionando na atualidade. Quais seriam as respostas para o nosso modo violento de se relacionar atual?

O sensacionalismo, o desarmamento e a saúde Mental

Este tópico apresenta a construção de sentidos a partir de uma perspectiva crítica

diante da problematização da forma como a violência é tratada pelos meios de comunicação de massa. Conforme Debord (2003), as relações sociais, do nosso tempo, são mediadas por imagens, e os modos de participação foram limitados à contemplação, isto é, um olhar iludido e de falsa consciência política. Ao nomear a sociedade como a do espetáculo, o autor unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos de informação sustentados na aparência. O efeito disso, para Silva (2012), está na forma passiva que o telespectador passa a receber as notícias, com menos recursos para questioná-las. Como critérios de análise estão a organização do conteúdo, a escolha e repetição das palavras, imagens e sons das reportagens. Assim, registraram-se características do modo como o acontecimento foi apresentado.

Por vezes, o uso de músicas entre os depoimentos parece convocar sentimentos de empatia e compaixão. Assim como a elevação do volume das músicas durante as pausas das falas, o que tende para a espetacularização da notícia, como ilustrado a seguir:

somos vítimas também (pausa com elevação do volume de música), *porque a gente* (novamente uma pausa na fala com música), *a gente também está sentido do que aconteceu, porque meu filho não era assassino, não era um bandido, não era.* (V6, pai de um dos autores, 2'30").

Neste trecho, a música junto ao depoimento reforça a intenção de humanizar um dos jovens atiradores. Os meios abertos de comunicação em massa, os telejornais em particular, podem contribuir com a produção de dramatização e sensacionalismo com base naquilo que acontece. A escolha das temáticas tratadas nas matérias escolhidas, e os efeitos gerados não deixam de ser ações políticas. Para Debord (2003) o espetáculo não é apenas um elemento decorativo, ele é uma escolha intencional da produção e do consumo do modo de produção existente. Além do uso intencional da música, também há o uso da repetição das chamadas sobre o incidente, e o alerta para a exclusividade do conteúdo.

Outro aspecto avaliado está na escolha dos temas utilizados para caracterizar as pessoas envolvidas (carregados de julgamentos morais), que são expressos na fala do jornalista do mesmo vídeo. O apresentador mostra em seu programa trechos da gravação da câmera interna de segurança da escola. A seguir, ele descreve com detalhes as imagens da câmera instalada no hall, e anuncia o exato momento em que os atiradores começam “*a matar a sangue frio*” (V1, 45"). O vídeo segue e a descrição é interrompida com alertas de que vão “segurar” as imagens, isto é, não vão mostrar as cenas mais fortes:

(ele) vai pegar o machado e vai dar machadadas em quem ainda sobreviveu, óbvio que o momento da machadada a gente segura, nós não vamos soltar, o momento da machadada, vai parar, ele está pegando a machadinha, o outro ainda está lá dentro matando mais pessoas, esse aí viu que ainda havia gente sobrevivendo e ataca gente com o machado, depois tem a sequência e ataca outro com o machado, que coisa impressionante, que frieza, “hein!?” (V1, repórter, 1'01").

A produção do programa realiza repetidas pausas entre machadadas, com a justificativa de “preservar” o público de certas cenas, o que na verdade, acaba por ressaltá-las. Esta estratégia chama mais a atenção para a cena de violência. Entrelaçado a isso, o apresentador fala “*com exclusividade, em primeira mão*” (V1, 1'53"), desviando da notícia, e continua, com as mãos ao rosto: “*momentos de terror, claro que a gente não pode dar o vídeo inteiro, porque tem cenas terríveis*” porém diversas vezes solicita que seja mostrado novamente: “*vamos repetir*” (V1, 2'02"). Neste momento, o programa se utiliza de tarjas sobre os corpos, cenas descritas pelo jornalista como terríveis, ao mesmo tempo em que narra fielmente os detalhes de maneira.

Quando são exibidos depoimentos das mães de sobreviventes que falam sobre o ato de “alvejar na cabeça” (V3, mãe de aluno que

faleceu, 1’), e que a filha teve de se ‘fingir de morta para sobreviver’ (V3, mãe de sobrevivente, 3’03”), os detalhes das narrativas acabam contribuindo para a maior exposição da violência. Sobre este aspecto, o artigo 11 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) trata das informações que o jornalista não pode divulgar, entre elas, aquelas com caráter mórbido e sensacionalista em cobertura de crimes. A partir disso, relacionamos o uso de inúmeros artifícios como músicas, escolha e repetição de palavras se mostra uma estratégia apelativa de maneira emocional, o que contribui para tornar a construção de uma matéria sensacionalista.

Neste sentido, segundo Rondelli (1998), devido a ampla visibilidade dos meios de comunicação, considera-se que estes sejam atores fundamentais na construção das imagens e discursos que tanto informam, quanto conformam e (de)formam a realidade, e ainda tem condições para “fazer com que os atos disjuntivos e erráticos da violência se amplifiquem e estendam-se à discussão no espaço público” (p. 152). Conforme Dallari (1984):

é fundamental não perder de vista que todas as atividades, de indivíduos, de grupos ou de instituições, que influem sobre o comportamento das pessoas, ou para que aceitem passivamente as decisões de outras ou para que resistam a elas, ou para que conservem a ordem estabelecida ou para que procurem mudá-la, ou para que apoiem o governo ou para que se oponham a ele, são atividades políticas (p. 83).

Segundo Dallari (1984), pode-se chamar de política tanto a organização social que visa acolher à necessidade natural de relação entre os seres humanos, quanto contempla toda a ação humana, que gera efeito sobre a organização, assim como o funcionamento e as finalidades que almeja uma

sociedade. Tendo em vista isso, o autor assume que decorrente dessa perspectiva deriva a ideia de que existe “uma responsabilidade política implícita” (p.83) na realização de todas as atividades humanas. Logo, é possível relacionar aos teores veiculados pelos meios de comunicação de massa, isto é, as escolhas das formas e dos conteúdos apresentados, assim como as imagens criadas e divulgadas não são isentas de posicionamentos políticos.

Isto porque, os meios de comunicação de massa influenciam e são influenciados por aquilo que a sociedade vivencia e discute, sendo assim, o modo como tratam certas problemáticas tem a possibilidade de influenciar como são visibilizadas (Rondelli, 1998). Ao encontro disso, Ramos e Novo (2003) trazem a ideia de que as notícias não são imparciais, elas trazem consigo uma visão (representação) do que seria o mundo. Os discursos que são postos em notícias colocam à disposição daquele que assiste uma antecipação de representações e significados a respeito do mundo, assim como as situações de violência, o que acaba por influenciar sua percepção da realidade e limita sua capacidade de interpretar significados. Portanto, o papel político da mídia está na construção dos sentidos da violência dos diferentes aspectos da trama social, de forma que eles sejam utilizados para a reflexão e mudança e não seu inverso. Para Cademartori e Roso (2012), é relevante “demarcar o caráter histórico e político das violências em nossa sociedade, bem como do seu uso banal, natural e corriqueiro” (p. 415).

Neste sentido, as reportagens apresentaram este caso sem uma investigação profunda sobre as condições para tal acontecimento, e assim constroem uma imagem superficial sobre a violência. Uma das condições relevantes é sobre o debate sobre o desarmamento no país. A reportagem de Moreira (2019) para o jornal Brasil de Fato apresentou a entrevista com o senador Major Olímpio (PSL-SP)⁷, que se posicionou sobre as

⁷ Recuperado de: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/major>

[-olimpio-diz-que-tragedia-em-suzano-seria-evitada-se-professores-estivessem-armados.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/major-olimpio-diz-que-tragedia-em-suzano-seria-evitada-se-professores-estivessem-armados.shtml)

possíveis ações preventivas para situações de violência nas escolas: “grades, câmeras de segurança, policiamento e até armamento de funcionários e professores são apontadas como soluções para reforçar a segurança em unidades educacionais”, e segue dizendo que “a tragédia teria sido evitada se os funcionários da escola estivessem armados”. A reportagem segue e apresenta o seguinte contraponto:

na avaliação de especialistas em segurança e educação ouvidos pelo Brasil de Fato, ideias como essa – assim como a flexibilização do porte de armas, defendida pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL) – estão na contramão de medidas que visam combater o problema da violência na raiz.

Sendo assim, o combate à violência precisa ser pensado também nos aspectos preventivos, e envolvendo a questão de saúde mental, como vimos anteriormente. Segundo Conselho Federal de Psicologia da Bahia [CRP-03] (2019) do estado da Bahia, em “Nota sobre a tragédia em Suzano”, declarou que:

só é possível pensar num campo propositivo que objetive armar professores, se as armas mencionadas se referirem a condições concretas e facilitadoras no seu exercício profissional, desde estruturas físicas, materiais de trabalho, carga horária, remuneração e políticas públicas eficazes de cuidado à saúde do docente. Estas são as armas necessárias ao trabalho da docência, para que os conhecimentos historicamente construídos pela humanidade se tornem munição ao serem socializados, objetivo primordial do processo educacional.

Em resposta ao acontecimento em Suzano, o Projeto de Lei (PL) 3688/2000⁸, que legisla sobre a inserção de profissionais da psicologia, assim como assistentes sociais no contexto educacional tramita há 19 anos, conforme CRP-03 (2019). Segundo a nota do Conselho Regional da Bahia referida aqui, a presença e atuação de psicólogas/os escolares tem como objetivo primordial desenvolver “uma profunda mudança na condução da realidade educacional” (Conselho Federal de Psicologia da Bahia [CRP-03], 2019), o que pode vir a promover efeito satisfatório em níveis intrapsíquico, interpessoais, cognitivos, familiares, comunitários e sociais, a partir da criação e atuação por meio de práticas preventivas e de promoção da saúde biopsicossocial.

Segundo Siqueira (2019) em reportagem do site da Câmara dos Deputados, o Plenário aprovou a proposta, sendo que seguiu seu curso para a sanção presidencial. Em reportagem do Senado Notícias relata-se que foi vetado de maneira integral a PL sob o argumento de que:

cria despesas obrigatórias ao Poder Executivo, sem que se tenha indicado a respectiva fonte de custeio, ausentes ainda os demonstrativos dos respectivos impactos orçamentários e financeiros, violando assim as regras do artigo 113 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, bem como dos artigos 16 e 17 da Lei de Responsabilidade Fiscal e ainda do artigo 114 da Lei de Diretrizes Orçamentárias para 2019 (Lei 13.707, de 2018).

Após o veto de outubro, houve progresso no sentido da defesa da saúde mental, segundo reportagem⁹ da Agência Câmara de Notícias do dia 19 de dezembro, foi promulgada a PL 3688/2000. Segundo a nova lei, devem-se buscar melhores condições no processo de aprendizagem, assim como nas

⁸ Recuperado de <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20050>

⁹ Recuperado de <https://www.camara.leg.br/noticias/625818-promulgada-lei-que-garante-atendimento-psicologico-a-alunos-de-escolas-publicas/>

relações construídas dentro do ambiente/comunidade escolar, sendo que para isto ser realizado serão disponibilizadas equipes multiprofissionais nas escolas, e, quando se mostrar necessário a comunidade acadêmica deverá ser atendida em parceria com Sistema Único de Saúde (SUS).

Sendo assim, discussões sobre o desarmamento e sobre o investimento em saúde mental foram pautas pouco tratadas nas reportagens, mas muito relevantes para refletir sobre a prevenção de novos episódios de violências nas escolas.

Considerações finais

A partir desse estudo buscamos refletir sobre os modos como a violência vem sendo alicerçada no laço social através dos veículos de comunicação. Ao refletir sobre o discurso jornalístico sobre o caso do tiroteio em Suzano, identificamos as representações sociais emergentes nos discursos, assim como as estratégias utilizadas na forma de apresentação dos fatos. As representações construídas pelas reportagens revelam uma polarização de sentidos, enquanto que os recursos utilizados criaram um formato que apela para exploração do fato. O fato noticiado é pouco a pouco transformado em um enredo, regado a recursos como a música, a repetição e escolhas de palavras que buscam compor um cenário para apresentar a situação, e visa cativar o público através de sentimentos de empatia, compaixão ou repulsa. Assim, a mídia reproduz e ajuda a

criar modos de compreensão de mundo, sendo um importante agente na formação de representações sociais.

Por sua vez, pode corroborar para que haja a preservação ou não da memória, do registro das histórias, através da repetição ou do seu apagamento. O que lhe proporciona um caráter efêmero, já que existe outra pauta esperando na fila para ser tomada novamente na posição de bombardeamento e efemeridade. Os meios de comunicação de massa passaram a ser o fio condutor das reminiscências, percebeu-se isso no decorrer da pesquisa, pois durante as semanas mais próximas ao tiroteio houve um bombardeamento de informações, que logo cessaram. Isto é, fala-se por pouco tempo de maneira intensa e repetitiva, muitas vezes, de forma esvaziada, através do uso de rótulos ou detalhes superficiais. Sendo que pouco houve espaço para desenvolver aspectos que são considerados inerentes ao ocorrido na escola, como a saúde mental e a banalização do armamento como resposta à violência.

É preciso debater de forma responsável e séria sobre os modos como estamos lidando com a insegurança e o sofrimento psíquico, e buscar soluções coletivas e de políticas públicas para o enfrentamento da violência no Brasil. Aqui, buscou-se um direito a memória, a um memorial daquilo que aconteceu e afeta a todos nós enquanto sociedade, de não esquecimento e diálogo para que se possa elaborar e dar um lugar a essa violência.

Referências

- Abramovay, M., & Castro, M. G. (2006). *Caleidoscópio das violências nas escolas*. Brasília, DF: Missão Criança, Série Mania de Educação. Recuperado de https://miriamabramovay.files.wordpress.com/2013/05/violencia-nas-escolas_13agosto.pdf
- Agência Câmara de Notícias (2019, dezembro 12) Promulgada lei que garante atendimento psicológico a alunos de escolas públicas. *Câmara dos Deputados*. Recuperado de <https://www.camara.leg.br/noticias/625818-promulgada-lei-que-garante-atendimento-psicologico-a-alunos-de-escolas-publicas/>
- Alexandre, M. (2001). O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*, 6(17), 111-125. Recuperado de <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/opapel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf>

- Brasil Urgente, Band. (2019, março 14) Suzano: parentes se despedem de estudantes após massacre [ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=xBJXgzU7S4Y>
- Cademartori, A. C., & Roso, A. (2012). Violência, criminalidade e relações de dominação: do Brasil colônia ao Brasil contemporâneo. *SER Social*, 14(31), 397-418. Recuperado de http://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/13007/11355
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico* (M. T. R. C. Barrocas, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114962/mod_resource/content/1/O_Normal_e_o_Patologico.pdf
- Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. (2007). Recuperado de http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf
- Conselho Federal de Psicologia da Bahia [CRP-03]. (2019, março 29). *Nota sobre a tragédia em Suzano*. Recuperado de <https://www.crp03.org.br/nota-sobre-a-tragedia-em-suzano/>
- Dallari, D. A. (1984). *O que é participação política*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Debord, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. [s. l.]: Projeto Periferia. (Original publicado em 1967). Recuperado de <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª ed., J. E. Costa, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (R. Ramallete, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1987). Recuperado de https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (25ª ed.). São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Recuperado de http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf
- Gill, R. (2017). Análise de Discurso. In M. W. Bauer, & G. Gaskell, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.244-270). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Guareschi, P. A. (2000). *Os construtores de informação: meios de comunicação, ideologia e ética* (2ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Guareschi, P. A., & Biz, O. (2005). *Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Jornalismo, Band. (2019, março 13). *Exclusivo: veja o momento do ataque na escola de Suzano*. [ficheiro em vídeo]. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=AotZgoB541o&has_verified=1
- Jornalismo, Band. (2019, março 19). *Alunos voltam a escola de Suzano para acolhimento*. [ficheiro em vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=5RkHENWiaQ0&feature=youtu.be>
- Jovchelovitch, S. (2004). Psicologia social, saber, comunidade e cultura. *Psicologia & sociedade*, 16(2), 20-31. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a04v16n2>
- Lei nº 13.707, de 14 de agosto de 2018. Dispõe sobre as diretrizes para a elaboração e execução da Lei Orçamentária de 2019 e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/113707.htm
- Michaelis, D. L. P. (2011). *Dicionário online Uol*. São Paulo, SP: Melhoramentos. Recuperado de <http://michaelis.uol.com.br/>
- Moreira, A. (2019, março 15). É preciso trabalhar cultura de paz e justiça social nas escolas, dizem especialistas. *Jornal GGN*.

- Recuperado de <https://jornalggn.com.br/crise/e-preciso-trabalhar-cultura-de-paz-e-justica-social-nas-escolas-dizem-especialistas/>
- Moscovici, S. (2010) *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social* (7ª ed., P.A. Guareschi, Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ramos, F. P., & Novo, H. A. (2003) Mídia, violência e alteridade: um estudo de caso. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 491-497. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19971.pdf>
- Rondelli, E. (1998). Imagens da violência: práticas discursivas. *Rev. Sociol. USP*. 10(2), 145-157. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86785/89787>
- Rosa, D. (2017). Análise de imagem em movimento. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 343-364). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Santos, B. S. (1999). Por que é tão difícil construir uma teoria crítica?. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 54, 197-215. Recuperado de http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Porque_e_tao_dificil_construir_teorica_critica_RCCS54.PDF
- Senado (2019, Outubro 9). Bolsonaro veta atendimento de psicólogo e assistente social nas escolas públicas. *Senado Notícias*. Recuperado de <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/10/09/bolsonaro-veta-atendimento-de-psicologo-e-assistente-social-nas-escolas-publicas>
- Silva, J. M. (2012). *A sociedade midíocre. Passagem ao hiperespetacular: o fim do direito autoral, do livro e da escrita*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Siqueira, C. (2019, agosto 12). Câmara aprova equipe com psicólogo e assistente social nas redes públicas de ensino. *Câmara dos Deputados*. Recuperado de <https://www.camara.leg.br/noticias/584285-camara-aprova-equipe-com-psicologo-e-assistente-social-nas-redes-publicas-de-ensino/>
- Tavares, J. V. (2002). Violências, América latina: a disseminação de formas de violência e os estudos sobre conflitualidades. *Sociologias*. 4(8), 16-32. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a02.pdf>
- Tv Record, Hoje em dia. (2019, março 14). *Sobreviventes relembram massacre em Suzano (SP)*. [ficheiro em vídeo] Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=2nZPYwt7sMU&t=393s>
- Tv Record, Hoje em dia. (2019, março 18). *Pai do atirador de Suzano chora e não reconhece atitude do filho*. [ficheiro em vídeo] Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=bUHZFmXXTzU>
- VejaPontocom. (2019, março 13) *Familiares de assassinos ficam surpresos com crime em escola de Suzano*. [ficheiro em vídeo] Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=4HfYyRVShKQ&t=152s>

Dados sobre as autoras:

- *Mariana Müller de Freitas*: Bacharel em Psicologia pela Universidade Franciscana (UFN), localizada em Santa Maria, Rio Grande do Sul.
- *Camila dos Santos Gonçalves*: Doutora, Orientadora e trabalha atualmente como professora pela Universidade Franciscana (UFN).

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

